

**A SEMANA – 190\***

19 de janeiro de 1896

Se não fosse o receio de cair no desagrado das senhoras, dava-lhes um conselho. O conselho não é casto, não é sequer respeitoso, mas é econômico, e por estes tempos de mais necessidade que dinheiro, a economia é a primeira das virtudes.

Vá lá o conselho. Sempre haverá algumas que me perdoem. A poesia brasileira, que os poetas andaram buscando na vida cabocla, não deixando mais que os versos bons e maus, isto nos dai agora, senhoras minhas. Fora com obras de modistas; mandai tecer a simples arazoia, feita de finas plumas, atai-a à cintura e vinde passear cá fora. Podeis trazer um colar de cocos, um cocar de penas e mais nada. Escusai leques, luvas, rendas, brincos, chapéus, tafularia inútil e custosíssima. A dúvida única é o calçado. Não podeis ferir nem macular os pés acostumados à meia e à botina, nem nós podemos calçar-vos, como João de Deus queria fazer à *descalça* dos seus versos:

Ah! não ser eu o mármore em que pisas...  
Calçava-te de beijos.<sup>1</sup>

Não seria decente nem útil; para essa dificuldade creio que o remédio seria inventar uma alpercata nacional, feita de alguma casca brasileira, flexível e sólida. E estáveis prontas. Nos primeiros dias, o espanto seria grande, a vadiação maior e a circulação impossível; mas, a tudo se acostuma o homem. Demais, o próprio homem teria de mudar o vestuário. Um pedaço de couro de boi, em forma de tanga, sapatos atamancados para durarem muito, um chapéu de pele eterna, sem bengala nem guarda-chuva. O guarda-chuva não era só desnecessário, mas até pernicioso, visto

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 19, p. 1, 19 jan. 1896), SEMMA (p. 293-296) e SEM1953 (v. 3, p. 88-92). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Versos finais (27-28) do poema “Descalça!”, de João de Deus (8 mar. 1830 – 11 jan. 1896), que vem no livro *Campo de flores*. O poeta português faleceu na semana anterior à publicação desta crônica; e a notícia teve ampla repercussão em jornais cariocas: *O Paiz* (ano XII, n. 4120, 13 jan. 1896, p. 1, col. 4-6), por exemplo, publicou longa matéria em sua homenagem.

que a única medicina e a única farmácia baratas passam a ser (como eu dizia a uma amiga minha) o padre Kneipp e a água pura.<sup>2</sup>

Em verdade, esse padre alemão, nascido para médico, descobriu o melhor<sup>3</sup> das medicações para um povo duramente tanado na saúde. Quem mais tomará as pílulas de Vichy<sup>4</sup> comprimidas, o vinho de Labarraque ou a simples magnésia de Murray (estrangeiras ou nacionais, pois que o preço é o mesmo), quem mais as tomará, digo, se basta passear na relva molhada, pés descalços, com dois minutos de água fria no lombo, para não adoecer?<sup>5</sup> Conheço alguns que vão trocar a alopatia pela homeopatia, a ver se acham simultaneamente alívio à dor e às algibeiras. A homeopatia é o protestantismo da medicina; o kneippismo é uma nova seita, que ainda não tem comparação na história das religiões, mas que pode vir a triunfar pela simplicidade. O homem nasceu simples, diz a Escritura; mas ele mesmo é que se meteu em infinitas questões.<sup>6</sup> Para que nos meteremos em infinitas beberagens, patrícios da minha alma?

Dizem que a vida em S. Paulo<sup>7</sup> é muito cara. Mas S. Paulo, se quiser, terá a saúde barata; basta meter-se-lhe na cabeça ir adiante de todos como tem ido. Inventará novos medicamentos e vendê-los-á por preço cômodo. Leste a circular do presidente convidando os demais Estados produtores de café para uma conferência e um acordo? É documento de iniciativa, ponderado e grave. Aproximando-se a crise da produção

<sup>2</sup> Sebastian Kneipp (1821-1897): padre, estudioso e defensor da hidroterapia, ou cura pela água – terapia que se tornou verdadeira mania nas últimas décadas do século XIX. Entre seus clientes famosos, listam-se Charles Darwin e o papa Leão XIII. A esse respeito, ver nota 13 de John Gledson em “A Semana – 178”, de 27 de outubro de 1895 (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 264, jul.-dez. 2021).

<sup>3</sup> o melhor] a melhor – em SEM1953. Em nosso entendimento, “o melhor das medicações” seria o equivalente a “o que há de melhor entre as medicações”, “o suprasumo das medicações”. Já a construção com “a melhor das medicações” faria a concordância de “a melhor” com “medicações”.

<sup>4</sup> Vichy] Vichi – em SEM1953.

<sup>5</sup> Pílulas de Vichy, vinho de Labarraque e magnésia de Murray eram medicamentos estrangeiros amplamente divulgados em jornais da época. A questão dos preços dos medicamentos importados era discutida nos jornais da época. Esse tema é recorrente nas crônicas de “A Semana” (ver, por exemplo, “A Semana – 186”, de 22 dez. 1895). A *Gazeta de Notícias* do dia 17 mar. 1896 (ano XXII, n. 77, p. 1-2) – apenas dois meses depois de publicada esta crônica – traz uma longa matéria intitulada “As drogas e as novas tarifas”. Em linhas gerais, a matéria discute o tabelamento de preços de produtos farmacêuticos estrangeiros; em determinado momento, recomenda-se que os “produtos farmacêuticos devem ser classificados segundo a sua natureza e nunca conforme o nome de seu autor. [...] O que quer dizer classificar-se na tarifa em artigo especial a magnésia fluida de Murray? Acaso a magnésia de Murray perde a classificação que lhe deve ser dada, de acordo com o princípio acima, pelo simples fato de ser de Murray? Haverá quem possa negar que a magnésia fluida de Murray é uma solução medicinal de bicarbonato de magnésia, congênere de muitas outras que existem entre nós? Logo, só o abuso, ignorância ou antipatriótico espírito de proteção podia fazer com que a magnésia de Murray tivesse uma classificação especial em nossa tarifa, furtando-se à regra de uma classificação científica.”

<sup>6</sup> Eclesiastes 7,30. (BÍBLIA, 2003, p. 1079.)

<sup>7</sup> S. Paulo] São Paulo – em SEM1953. Nesta passagem e na ocorrência subsequente.

excessiva, cuida de aparar-lhe os golpes antecipadamente.<sup>8</sup> Mas nem só de café vive o homem, caso em que se acha também a mulher. Assim que duas paulistas ilustres tratam de abrir carreira às moças pobres para que disputem aos homens alguns misteres, até agora exclusivos deles. Eis aí outro cuidado prático. Estou que verão a flor e o fruto da árvore que plantarem. Quanto à vida espiritual das mulheres, basta citar as duas moças poetisas que ultimamente se revelaram, uma das quais, D. Zalina Rolim, acaba de perder o pai. A outra, D. Francisca Júlia da Silva, tem a poesia doce e por vezes triste como a desta rival que cá temos e se chama Júlia Cortines; todas três publicaram há um ano os seus livros.<sup>9</sup>

Falo em poetisas e em mulheres; é o mesmo que falar em João de Deus, que deve estar a esta hora depositado no panteon<sup>10</sup> dos Jerônimos, segundo nos anunciou o telégrafo. Não sei se ele adorou poetisas; mas que adorou mulheres, é verdade, e não das que pisavam tapetes, mas pedras, ou faziam meia à porta da casa, como aquela Maria, da *Carta*,<sup>11</sup> que é a mais deliciosa de suas composições. Se essa Maria foi a mais amada de todas, não podemos sabê-lo, nem ele próprio o saberia talvez. Há uma longa composição, sem título, de vários metros,<sup>12</sup> em que há lágrimas de tristeza; mas as tristezas podem ser grandes e as lágrimas passageiras ou não, sem que daí se tire conclusão certa. A verdade é que todo ele e o livro são mulheres, e todas as mulheres *rosas e flores*. A simplicidade, a facilidade, a espontaneidade de João de Deus são raras, a emoção verdadeira, o verso cheio de harmonia, quase sem arte, ou de uma arte natural que não dá tempo a recompô-la.

Um dos que verão<sup>13</sup> passar o préstimo de João de Deus será esse outro esquecido, – como esquecido estava o autor das *Flores do Campo*, – patricio<sup>14</sup> nosso e poeta

<sup>8</sup> A referida circular vem na *Gazeta de Notícias* do dia 17 jan. 1896 (ano XXII, n. 17, p. 2, col. 6-7): “Os Srs. Drs. Bernardino de Campos, presidente do Estado de S. Paulo, e Moniz Freire, do Espírito Santo, dirigiram aos presidentes de Minas, Rio e Bahia a seguinte circular”. Segue-se o documento, que, em linhas gerais, menciona o aumento da produção de café no Brasil e a necessidade de abrir novos mercados consumidores do produto, a fim de evitar crise financeira nos Estados produtores.

<sup>9</sup> Em GN, o nome de Francisca Júlia vem assim: “Júlia Francisca da Silva”. Corrigimos o lapso; Aurélio Buarque de Holanda anotou este engano e registrou o nome correto no rodapé – talvez não o tenha corrigido por respeito à oposição (rivalidade) entre as duas “Júlias”. Essas são três escritoras brasileiras do século XIX. Maria Zalina Rolim (1869-1961) publicou o livro de poesias *Corações*, em 1893. Francisca Júlia da Silva (1871-1920) publicou *Mármore*, em 1895. (Cf. MENEZES, 1978) Quanto à terceira escritora, John Gledson registrou: “Júlia Cortines (1868[1863?]-1948) foi autora de duas coleções, *Versos* (Tipografia Leuzinger), de 1894, e *Vibrações* (1905). Tiveram certo sucesso na época, mas foram quase esquecidas até anos recentes, quando foram republicadas pela Academia Brasileira de Letras, com prefácio de Gilberto Araújo (‘Descortinando Júlia’), e excelente ensaio de Fausto Cunha, ‘A poesia esquecida de Júlia Cortines’, que podem ser lidos inteiros em linha, no site da Academia.” (*Machadiana Eletrônica*, v. 1, n. 2, p. 268, nota 9, jul.-dez. 2018)

<sup>10</sup> panteon] panteom – em SEM1953. (Ver ilustrações ao final desta crônica.)

<sup>11</sup> “Carta”: poema de João de Deus, que pode ser lido em *Campo de flores*.

<sup>12</sup> sem título, de vários metros,] sem título de vários metros, – em GN.

<sup>13</sup> A informação de que o poeta já está “a esta hora depositado no panteon” é especulação do cronista; portanto, pode ser futuro “o préstimo de João de Deus”.

<sup>14</sup> *Flores do Campo*, – patricio] *Flores do Campo*, patricio – em SEM1953. O autor das *Flores do campo* é João de Deus.

inspirado, Luís Guimarães.<sup>15</sup> Não digo esquecido no passado, porque os seus versos não esquecem aos companheiros nem aos admiradores,<sup>16</sup> mas no presente. Um de seus dignos rivais, Olavo Bilac, deu-nos há dias dois lindos sonetos do poeta,<sup>17</sup> que ainda nos promete um livro. A doença não o matou, a solidão não lhe expeliu a musa, antes a conservou tão maviosa como antes. O que a outros bastaria para descrever da vida e da arte, a este dá força para empregar na arte os pedaços de vida que lhe deixaram e que valerão por toda ela. O poeta ainda canta. Crê no que sempre creu.<sup>18</sup>

Há fenômenos contrários. Vede Zola. A *Notícia* de sexta-feira traz um telegrama contando o resumo da entrevista de um *reporter*<sup>19</sup> com o célebre romancista, acerca da *chantage*<sup>20</sup> que aparece nos jornais franceses. Zola deu as razões do mal e conclui que

---

<sup>15</sup> Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior (1845-1898), dias antes de publicar seu primeiro livro – *Lírio branco* (1862) –, abordou Machado de Assis na rua para lhe falar da obra que estava no prelo. Alguns anos mais tarde, Machado se lembraria (*Semana Ilustrada*, 2 jan. 1870) desse primeiro encontro nestes termos: “Há coisa de seis anos encontrei na rua um moço desconhecido, melhor dissera uma criança – e que gentil criança ele era –, o qual me disse rapidamente com a viveza impetuosa da sua idade: / – Está no prelo um livrinho meu; é oferecido ao senhor. Parto hoje mesmo para São Paulo; já dei ordem na tipografia para lhe mandarem um exemplar. / – Obrigado. Como se chama o senhor? / – Luís Guimarães. / Poucos dias depois recebi o livrinho anunciado.” (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1183. Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, 2008, v. 1, p. 235; e MACHADO, 2021, p. 254-256) A *Semana Ilustrada* do ano 1870 não está digitalizada no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, RJ.

<sup>16</sup> Pelo menos um verso, do soneto “Visita à casa paterna”, ficou na memória do povo: “Depois de um longo e tenebroso inverno” – expressão que se cristalizou (como dito popular) na fala do povo. (GUIMARÃES JÚNIOR, 2010, p. 33) Será que a expressão já existia, antes, na boca do povo?

<sup>17</sup> Olavo Bilac publicou na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 17, p. 2, col. 4, 17 jan. 1896) matéria, intitulada “DOUS SONETOS”, em que revelava que Luís Guimarães lhe escrevera de Lisboa uma longa carta. No trecho final da notícia, Bilac transcreve os dois sonetos a que se refere Machado de Assis: [“Beijo de Amor”] “Beijo de amor! delícia esmagadora! / Vibras nas almas, de paixões ardentes, / Como os divinos frêmitos ridentes / Da terra, em flores, quando rompe a Aurora! // Beijo de amor! beijo mortal, embora! / É deste mundo o mais feliz dos entes / Quem te colhe nos lânguidos, trementes / E rubros lábios da mulher que adora... // Supremo enleio, comunhão bendita, / Que abraça o sangue, o pensamento agita, / E num minuto um século resume: // Tu és da Vida o triunfal quebranto... / E ao mesmo tempo tens, – ó raro encanto! – / O odor de um fruto e o gosto de um perfume...”; e [“O Perdão”] “Quando essa imagem, bela e fermentada / Varri, enfim, do coração demente, / – Erguendo aos céus a resoluta frente / Por tantos falsos beijos iludida, // Jurei vingar a minha fé traída, / Ver a meus pés, – altivo e indiferente, – / A traidora cair, magra, indigente, / Rota e faminta, maldizendo a vida... // Mas nesse instante de tremenda calma, / Duas vozes ouvi dentro em minh’alma; / – Dupla sentença aos meus ouvidos soa: // A voz do Orgulho, ríspida e vibrante, / ‘Despreza!’ disse... Meiga, suplicante, / A voz do Coração disse: ‘Perdoa!’...” Olavo Bilac, que assina a notícia com as iniciais de seu nome (O. B.), diz que esses “adoráveis vinte e oito versos fazem parte da *Lira Final*, coleção ainda não publicada.”

<sup>18</sup> Referência à enfermidade que acometera Luís Guimarães Júnior e interferia em sua produção literária. Desde 1892 jornais cariocas noticiavam problemas de saúde enfrentados pelo escritor. Ver *Jornal do Commercio*, ano 70, n. 100, p. 2, col. 3, 9 abril 1892.

<sup>19</sup> *reporter*] repórter – em SEM1953.

<sup>20</sup> *chantage*] chantagem – em SEM1953.

“há excesso de liberdade e *falta de ideais cristãos*”. Deus meu! e por que não uma cadeira na Academia francesa?<sup>21</sup>



---

<sup>21</sup> Eis o telegrama mencionado na crônica: “O Sr. Émile Zola fez importantes declarações em uma *interview* a que se prestou e que foi hoje publicada. / O objeto dessa entrevista foram as excessivas prisões de literatos e jornalistas por crime de *chantage*. Sobre isto é que foi pedida a opinião de Zola. / Zola, dando como fato a exploração da *chantage*, disse que era esse um dos fenômenos mais assustadores da decadência do caráter. / Essa ânsia de riqueza e essa falta de escrúpulo deve-se principalmente a estas duas causas gerais: excesso de liberdade e abandono dos ideais cristãos.” (*A Notícia*, ano III, n. 14, p. 1, col. 1. 17 jan. 1896.) Jornais do Rio de Janeiro publicavam telegramas e matérias sobre a *chantage* relacionada a desdobramentos do caso Dreyfus (1894-1906): questão de Estado que gerou grande tensão social à época na França, em torno da acusação de traição feita ao capitão Alfred Dreyfus (1859-1935), que supostamente teria entregado documentos secretos franceses aos alemães. Émile Zola (1840-1902), após examinar detidamente documentos e notícias sobre o caso, considerou Dreyfus inocente e envolveu-se ativamente em sua defesa, o que lhe teria fechado definitivamente as portas da Academia Francesa. A *Gazeta de Notícias* do dia 12 de janeiro de 1896 (p. 2) publicou a seguinte notícia sobre a eleição de Zola para a Academia: “São quatro as cadeiras vagas na Academia Francesa: as de Lesseps, Camille Doucet, Pasteur e Dumas. / [...] [Para a cadeira] de Dumas há já uma infinidade deles [de nomes]: Alphonse Daudet, Henry Becque, o novel poeta Jean Richepin e Émile Zola. / A respeito da candidatura do grande romancista, começa a haver em Paris uma certa agitação nos centros literários e artísticos. Todos sentem que a Academia, resistindo às primeiras tentativas de Zola, não tem agora, depois da sua bagagem literária e do valor dela, razão para continuar essa resistência. O que leva a crer que Zola entre afinal na Academia.” Para a cadeira de Alexandre Dumas (Fils) foi eleito o escritor André Theuriet (1833-1907).



**MOSTEIRO DOS JERÔNIMOS**

FONTE: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B3nimos\\_Monastery](https://en.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B3nimos_Monastery)>.



**TÚMULO DE JOÃO DE DEUS**

FONTE: <<https://www.flickr.com/photos/196191114@N08/52237726582>>.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 19, p. 1, 19 jan. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=13455](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13455)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

CORTINES, Júlia. *Versos; Vibrações*. Apresentação Gilberto Araújo. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. Disponível em:

<<https://www.academia.org.br/publicacoes/versos-e-vibracoes>>.

DEUS, João de. *Campo de flores*. Poesias líricas completas, coordenadas sob as vistas do autor por Theophilo Braga. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [s.d.]. t. I, parte. I. Disponível em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/1c1f2a7c-328d-443f-aecc-c7688058d235>>.

GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. *Sonetos e rimas*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 4v.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.